

Saldo comercial pode baixar a US\$ 9,7 bilhões

Se até o final do ano as contas externas repetirem o desempenho de outubro, o País fechará 1986 com um superávit de apenas US\$ 9,7 bilhões (Cz\$140,6 bilhões), ou seja 22 por cento inferior ao obtido em 1985. A drástica redução do saldo da balança comercial em outubro, que chegou a US\$ 210 milhões, o menor desde 1983, deve ser atribuída à queda das vendas tanto de produtos básicos, quanto manufaturados e semimanufaturados.

As reduções na receita destes itens da pauta de exportação, em relação ao mesmo mês do ano passado, foram respectivamente de 45, 43 e 41 por cento. Do lado das importações, a economia de US\$ 2,5 bilhões (Cz\$ 36,2 bilhões), acumulada até outubro, em função da redução dos gastos com trigo e petróleo, foi totalmente utilizada nas compras de alimentos, bens de capital e insumos básicos, para atender à demanda no mercado interno.

Os dados constam de um estudo elaborado pela economista Isabel Modiano, do Centro de Estudos Monetários e de Economia Internacional, da Fundação Getúlio Vargas. De acordo com o trabalho, as importações, com exceção de petróleo e trigo, cresceram até outubro 47 por cento em relação ao mesmo período do ano passado.

Outros fatores também contribuíram para a drástica redução do superávit comercial. Houve uma valorização da taxa de câmbio real, deflacionada pelo Índice de Preços ao Atacado, IPA, de 2,5 por cento entre fevereiro e setembro e de 1,5 por cento até outubro.

— No entanto, prossegue Isabel Modiano, é a taxa de câmbio efetiva o melhor indicador da competitividade internacional dos produtos brasileiros, uma vez que reflete as oscilações do dólar e portanto do cruzado, em relação às moedas dos principais parceiros comerciais.”

Ela chama atenção para o fato de que a desvalorização da taxa efetiva de câmbio pode ser bem menor, “ou até negativa”, em função da generalização do ágio que não é captado por nenhum índice de inflação.